**Introdução**

No nosso atual estágio de evolução espiritual ainda temos muitas dificuldades para compreender o verdadeiro significado da grande maioria dos valores ensinados e exemplificados por Jesus. Em geral, o conceito que trazemos de questões como felicidade, trabalho, perdão, amor e tantas outras, ainda encontra-se bastante incompleto.

Dentre todas essas interpretações equivocadas de nossa parte, Emmanuel parece ter uma preocupação especial com a paz. Quem lê habitualmente as obras desse nosso Benfeitor Espiritual percebe que ele frequentemente trata desse assunto, trazendo em cada abordagem um novo ponto de vista com o objetivo de diminuir nossos enganos e ilusões acerca da paz.

Na lição que trouxemos hoje Emmanuel começa nos advertindo para não confundirmos a paz desejada pelo mundo com a paz prometida pelo Cristo porque existe um verdadeiro abismo entre a primeira e a segunda. Emmanuel diz que para as almas que ainda se encontram nos planos inferiores da vida, aquilo que parece tranquilidade geralmente não passa de estagnação espiritual ao passo que para os espíritos que habitam as esferas superiores, a paz se traduz no trabalho incessante na Obra Divina.

**Desenvolvimento**

No contexto dos evangelhos a palavra mundo – na grande maioria das vezes - é empregada para fazer referência à tudo aquilo que ainda é muito material, à tudo aquilo que ainda se encontra fortemente ligado às sensações e aos sentimentos de ordem inferior.

Jesus – nosso Mestre por excelência – por inúmeras vezes nos advertiu quanto à necessidade de nos colocarmos acima das questões terrenas. Por isso Ele nos disse: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo”; “O mundo não nos conhece”; “O meu reino não é deste mundo”. E quando falava ao Pai sobre seus discípulos Ele disse: “Eu lhes tenho dado a Tua palavra mas o mundo os odiou porque não são do mundo, como eu também não sou do mundo”.

Apesar das advertências de Jesus, ainda hoje nós limitamos o sentido da paz a um ou outro aspecto específico. Por isso Emmanuel nos diz que para as nações mundiais a paz é representada pela inatividade das armas; para os ricos inconsequentes é a preguiça improdutiva; para os revoltados é a oportunidade de manifestarem seu desespero e para os preguiçosos é a fuga do trabalho.

Mas Emmanuel também faz uma observação muito interessante: ele diz que o mundo pode nos oferecer muitos arranjos e acordos que aparentemente nos proporcionam paz. No entanto ele afirma que a paz verdadeira, sólida, duradoura nós somente conquistaremos através do Cristo. Quando Emmanuel fala em acordos e arranjos ele expressa a ideia de improviso, de transitoriedade, de algo que é momentâneo, passageiro.

O que Emmanuel quer nos dizer é que a suposta paz construída exclusivamente sobre as coisas do mundo é frágil, instável, pode ser abalada ou mesmo destruída a qualquer momento.

Para compreender melhor os ensinamentos de Emmanuel, vamos tomar como referência a transformação espiritual ocorrida em um dos maiores vultos do Cristianismo: Paulo de Tarso. Ou, para os propósitos do nosso estudo, Saulo de Tarso.

No livro “Paulo e Estevão”, ditado também por Emmanuel ao nosso querido Chico Xavier, no capítulo X - “No Caminho de Damasco” - , nós vamos encontrar Saulo completamente tomado de angústias e tristezas. Ele sentia profunda dor espiritual porque Abgail, sua amada, acabara de desencarnar e também porque ele carregava no coração a culpa pela morte de Estêvão, irmão de Abgail.

Naquele momento de sua vida, Saulo atribuía a Jesus a culpa por todos os seus infortúnios e achava que os ensinamentos do Mestre haviam sido a causa das enfermidades de Abgail.

Saulo havia sido informado de que fora um Cristão de nome Ananias, a única pessoa capaz de oferecer algum consolo e conforto à Abgail em seus instantes finais de vida. Apesar disso, Saulo estava determinado a encontrar Ananias e castigá-lo.

Entretanto, à medida que Saulo aproxima-se de Damasco ele é tomado de profundas indagações. Pergunta a si mesmo onde estaria a paz que ele tanto desejara desde sua juventude. Os mestres de Israel diziam que para alcançar essa paz bastava a observância da Lei. Mas para ele, que fora muito além de apenas observar a Lei, que consagrara todas as suas forças no cumprimento dessa Lei, a paz ainda não havia sido alcançada.

Para tornar ainda maior a angústia de Saulo, ele via essa paz nos adeptos do carpinteiro crucificado, aquele mesmo Jesus cujas ideias ele queria destruir.

Aqueles Cristãos traziam na alma uma serenidade que Saulo desconhecia. Mesmo nos momentos em que eram presas, torturadas e flageladas, aquelas criaturas tinham nos olhos uma paz que Saulo ainda não conquistara.

Nem todo o conhecimento, nem os privilégios e o destaque de que gozava, nem mesmo a sua posição superior entre os conhecedores da Lei eram capazes de fornecer à Saulo aquela paz.

Ele então tem seu derradeiro encontro com o Cristo às portas de Damasco. Riqueza, poder, privilégios, status social. A partir desse encontro Saulo abandona tudo isso para transformar-se em Paulo de Tarso e passa a viver uma vida de abnegação, de privações, de trabalho árduo, de sacrifícios. Mas, uma vida na qual ele vai finalmente encontrar a paz.

Essa foi a experiência de Paulo. Mas e quanto às nossas próprias experiências? De que forma nós estamos buscando a paz? Talvez mais importante do que saber como é saber: onde nós estamos buscando a paz?

Será que estamos tentando seguir os passos do Apóstolo dos Gentios ou ainda estamos esperando ter poder, riqueza ou posição social para viver em paz?

É importante ressaltar que o Espiritismo deixa muito claro que não há nada de errado em nos sentirmos bem com as conquistas de ordem material. Ninguém está proibido de sentir-se feliz com uma promoção no trabalho, com a aquisição de um carro novo ou com a conquista de um diploma. Não há nada de errado com essas coisas e muitas vezes elas são apenas a consequência natural do nosso esforço e do nosso trabalho. O problema é quando nós passamos a considerar essas coisas como o objetivo final de nossas vidas e não apenas como meios de vida.

É essa distorção de valores que muitas vezes nos leva a cometer erros e a nos precipitar em grandes quedas.

E é também por isso que Emmanuel diz que muitas pessoas vivem na ilusão de uma falsa paz conquistada ao preço da calúnia, do crime, da incredulidade, da vaidade e da preguiça. Essas palavras de Emmanuel vão de encontro a um ensinamento que está presente em praticamente todos os capítulos de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”: todas as mazelas espirituais da humanidade no Planeta Terra têm como alicerce o orgulho e o egoísmo.

Existe um provérbio indiano que diz o seguinte: “É mais fácil calçar sandálias do que cobrir a Terra com tapetes”. As sandálias, nós sabemos, são um símbolo de humildade ao passo que os tapetes estendidos representam a satisfação do orgulho e da vaidade.

O que esse provérbio nos ensina é que, se a todo momento e em todos os lugares, o solo sobre o qual nós pisarmos for o da humildade, estaremos dando passos seguros na conquista da paz. Por outro lado, se exigirmos sempre que tapetes sejam estendidos diante de nós, representando a satisfação constante de nossas vontades, dificilmente estaremos em paz porque o mundo não existe para servir aos nossos caprichos nem para atender aos nossos melindres.

Retornando à lição, Emmanuel afirma que não poderemos conquistar a paz agindo com intolerância e impiedade para com as imperfeições de nossos irmãos de caminhada.

A paz não chegará para nós enquanto fugirmos da convivência com as pessoas e das dificuldades que elas naturalmente nos trazem. Precisamos ter consciência de que nós mesmos ainda somos portadores de grandes deficiências e que por isso, também representamos dificuldades para as pessoas que vivem e convivem conosco.

Na terceira parte de “O Livro dos Espíritos” que trata das Leis Morais, nós temos o capítulo VII – Da Lei de Sociedade. Nesse capítulo a Espiritualidade Superior nos esclarece que ninguém será capaz de evoluir fugindo da vida em sociedade, do convívio com as pessoas e suas imperfeições e que essas experiências são indispensáveis para o desenvolvimento das virtudes do espírito.

Para termos uma ideia do quanto essa questão é importante e verdadeira, trouxemos uma passagem de um certo livro para nós analisarmos. Essa passagem diz o seguinte:

“Não reparaste naqueles aos quais foi dito: Contende as vossas mãos, observai a oração e pagai o Zakat? Mas quando lhes foi prescrita a luta, eis que grande parte deles temeu as pessoas, tanto ou mais que a Deus, dizendo: Ó Senhor nosso, por que nos prescreves a luta? Por que não nos concede um pouco mais de trégua? Dize-lhes: O gozo terreno é transitório; em verdade, o da outra vida é preferível para o temente; sabeis que não sereis frustados, no mínimo que seja”.

Alguém aqui tem ideia de qual livro esse texto foi extraído? Pois bem, essa passagem encontra-se no Alcorão, o livro sagrado do Islã, a religião dos muçulmanos. Nós não vamos aqui fazer qualquer julgamento das atrocidades que se tem cometido supostamente em nome do Islã. Isso, nós sabemos, é uma deturpação da religião, coisa que aconteceu com o próprio Cristianismo na Idade Média. O fato é que essa passagem do Alcorão nos mostra como é impossível conquistarmos a paz fugindo da luta diária no convívio com as dificuldades alheias. E olha que nós estamos falando de um livro que não é nem mesmo Cristão. Mas a mensagem é a mesma que Emmanuel nos traz na lição de hoje: nossa evolução espiritual obrigatoriamente passa pela compreensão, pelo entendimento e pela tolerância das dificuldades daqueles que caminham conosco. Se formos capazes de internalizar essa verdade seremos também capazes de estar em paz ainda que o mundo à nossa volta esteja no caos.

**Conclusão**

Emmanuel conclui a lição advertindo-nos uma vez mais de que aquilo que representa paz no entendimento do mundo, muitas vezes não passa de um sono que adoece o espírito.

Ele nos convida a buscar a paz do Cristo, aquela que excede todo o entendimento, a paz que existe e sobrevive a tudo, independente das circunstâncias que nos cercam.

Mas Emmanuel também nos diz que somente seremos portadores dessa paz se ela for construída no espírito, na consciência e no coração; somente se ela nascer e for cultivada dentro de nós. Por isso, não devemos passar os dias na expectativa de que o mundo um dia irá nos proporcionar a paz. Ao contrário: devemos viver cada dia construindo a paz dentro de nós de tal maneira que sejamos capazes de oferecê-la ao mundo.

E para finalizar nossos estudos, trouxemos a poesia “Diante do Mundo”. Ela encontra-se no livro “Coração e Vida”, ditado pelo Espírito Maria Dolores à Chico Xavier. Essa poesia, de certa forma, reforça o convite de Emmanuel para que saibamos discernir entre a paz entendida pelo mundo e a paz prometida e oferecida pelo Cristo.